

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Costa, Marco Túlio
A árvore do medo / Marco Túlio Costa; ilustração
Andréa Corbani. – São Paulo: Formato Editorial, 2011.

ISBN 978-85-7208-753-7 (aluno)
ISBN 978-85-7208-754-4 (professor)

1. Ficção – Literatura infantojuvenil
I. Corbani, Andréa. II. Título.

11-11781

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura infantojuvenil 028.5
2. Ficção: Literatura juvenil 028.5

A ÁRVORE DO MEDO

Copyright © Marco Túlio Costa

Ilustração Andréa Corbani

Gerente editorial Rogério Carlos Gastaldo de Oliveira

Editora-assistente Andreia Pereira

Auxiliares de serviços editoriais Rute de Brito e Mari Kumagai

Edição de arte Norma Sofia – NS Produção Editorial

Preparação de texto Albertina Piva

Revisão Pedro Cunha Jr. e Lilian Semenichin (coords.)/ Rhennan Santos

Produtor gráfico Rogério Strelciuc

Direitos reservados à SARAIVA S.A. Livreiros Editores

Rua Henrique Schaumann, 270 – Pinheiros

05413-010 – São Paulo – SP

PABX: (0XX11) 3613-3000

Fax Vendas: (0XX11) 3611-3268

www.editorasaraiva.com.br

atendprof@editorasaraiva.com.br

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra

sem o consentimento por escrito da editora.

1ª edição

1ª tiragem, 2011

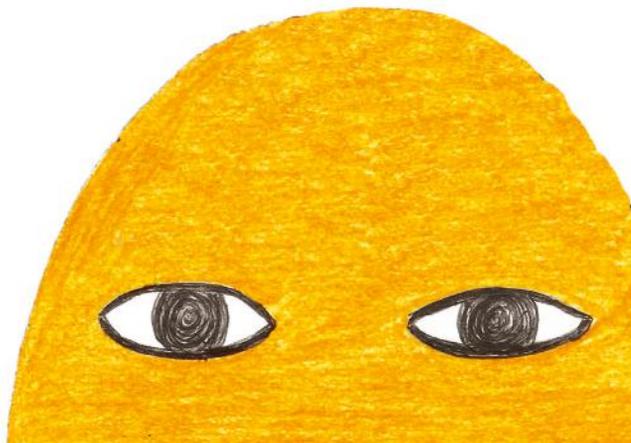
Visite nosso *site*: www.formatoeditorial.com.br

Atendimento ao professor: 0800 011 7875

falecom@formatoeditorial.com.br

Marco Túlio Costa

ilustração **Andréa Corbani**



A ÁRVORE DO MEDO

Conforme a nova ortografia

São Paulo
2011

Formato



Para meu neto
Pedro Augusto
história que começa a se escrever.

O lenhador vem à frente, arrastando as botas rotas no chão de argila cinzenta. Segura o machado pelo meio do cabo, à altura do peito, quando chega às primeiras árvores da Floresta Negra, cujos frutos maduros estão caídos ao chão como pintas em um dálmata.

Eles têm a casca de um preto fosco e quando pisados rompem-se moles, a polpa espalha-se e gruda na sola dos sapatos como piche. Os frutos empestam o ar com um cheiro pesado, que primeiro tonteia e depois escurece as vistas de quem o sorve, mergulhando a pessoa em um torpor de poço sem fundo, um pesadelo. O lenhador puxa o lenço do pescoço para proteger o nariz e a boca. Segue pela bruma cinza evitando pisar os frutos caídos, visitados por abelhas assustadiças que se afastam em enxames de bemóis e sustentidos quando o homem passa.

Era uma floresta diferente de todas as outras existentes e imagináveis. Suas árvores, negras da raiz à copa frondosa. Não que estivessem queimadas, mas a pigmentação dos troncos, galhos e folhas era de um preto, ora fosco, ora reluzente, que ia escurecendo mais e mais, como que acompanhando o passo da ousadia de improváveis invasores.

Quanto mais o lenhador avança, mais os troncos vão se agrupando, galhos entrelaçando-se, copas confundindo-se, tornando-se uma coisa só, um borrão, a própria atmosfera. Enfim, à frente nada mais está separado da escuridão.

Só então, quando o ar, o ruído das coisas invisíveis, sua própria respiração, tudo perdeu a cor própria e fundiu-se à floresta, o lenhador

diminuiu o ritmo dos passos e posicionou o machado à frente de seu corpo, instintivamente talvez, como se pretendesse ir cortando a escuridão.

O que rompeu o silêncio negro que tudo envolvia foi o Cão de Lata que vinha farejando os passos do lenhador. Despertada pelo ruído metálico do cachorro, a voz do lenhador lançou-se num voo de morcego, chamando o nome do menino:

– Álvaro! Álvaro!

Mas a resposta foram dois chumaços de algodão nos ouvidos. Alguns instantes depois, o ruído distante do Cão de Lata, que seguia farejando um pouco além, à esquerda do lenhador.

O homem insiste no chamado e desta vez a resposta toca-o na face. É o vento que escapa do meio da Floresta Negra e passa fazendo rolar folhas secas e cascas de sementes, produzindo um ruído que se parece com alguém que bate o queixo de tanto pavor.

O cão encosta-se à perna do lenhador. O homem agacha-se. Afaga o dorso liso e frio do animal.

– Seu faro será meus olhos – diz, enquanto tira a própria correia e improvisa uma coleira para o animal. – Você vai me levar até a Árvore do Medo. Álvaro está lá, eu tenho certeza. Ele imaginou assim: a Árvore do Medo fica no centro da Floresta Negra. Dizem que os animais sentem o cheiro do medo que os homens exalam. Então, você sentirá o odor acre da árvore.

O lenhador se ergue e o Cão de Lata começa a seguir o cheiro que serpenteia entre árvores invisíveis.



E, então, o que vem em seguida? Alguém pode aparecer, um susto. O quê? O quê? Quem parece estar no escuro agora sou eu, não o lenhador. Árvores transformam-se em meninos sentados em carteiras, a Floresta Negra é reduzida ao quadro-negro onde a palavra árvore está escrita.

O professor olha os alunos.

– Como nós vimos, começamos por uma só palavra nosso exercício para despertar a imaginação. Foi só escrever “árvore” que logo me lembrei de muitas outras palavras relacionadas a ela, muitas ideias, muitas lembranças. Palavra relacionada a árvore: fruto. Alguém poderia me dizer outra?

– Raiz.

– Folha.

– Tronco.

– Ótimo. Ideias relacionadas a árvore: com madeira foram feitas as carteiras desta sala. Imaginem onde estava plantada a árvore que foi cortada, a serraria, quem trabalhava lá, quem transportou... Posso pensar que um dia este lápis na minha mão foi parte de uma árvore. Um pensamento puxa outro. Quem tem uma ideia relacionada a isso que falei?

– Uma caixa de lápis de cor pode ter madeira de muitas árvores diferentes.

– Uma caixa de lápis de cor seria, então, uma pequena floresta.

– Cada cor seria de um tipo de árvore, que tem flores da cor do lápis!

– Oba, estamos evoluindo. Uma floresta de lápis é uma imagem interessante... O que mais? Lápis servem para quê? – instigou o professor.

- Para escrever. Colorir.
- Escrever contra o corte das árvores. As árvores não gostam de virar lápis.
- Vamos, gente! Temos aí uma boa sugestão. Se as árvores não gostam de virar lápis, o que poderia acontecer?
- Uma revolta. Nenhum lápis escreveria mais.
- Os lápis fariam uma greve. Só escreveriam frases do tipo: não cortem as árvores!
- Os lápis poderiam também ser de uma árvore só. Aí, seriam separados em caixas diferentes. Seriam irmãos.
- E daí, o que aconteceria? – insiste o professor.
- Ficariam com saudade. Escreveriam cartas uns aos outros...
- O que diriam em suas cartas? De que se lembrariam?
- Do tempo em que eram unidos, uma coisa só, como uma família... do vento, do tempo em que a árvore ficava cheia de flores. Quando os frutos nasciam e amadureciam.
- Do ninho dos passarinhos na árvore. Da alegria que eles sentiam com esses cantos espalhados pelos galhos...
- Menos do pica-pau!
- Risos.
- Viram? É só ir perguntando, como já lhes ensinei. Nosso cérebro é louco por perguntas! Agora, vamos pensar: uma palavra também nos traz lembranças. Árvore me faz lembrar de um pé de manga coquinho que havia no fundo da horta da casa do meu avô materno. Eu adorava subir lá – conta o professor.
- Árvore me lembra filme do Tarzã!
- Filme do Tarzã... isso nem passa mais nos cinemas...
- Meu pai gosta de filmes antigos e eu assisto com ele.
- Uma lembrança afetiva, como a minha...
- A árvore de Natal!
- Isso! E qual é o fruto da árvore de Natal? – torna o professor.
- As bolas coloridas?
- São os presentes que a gente ganha.
- A árvore do Paraíso, professor!
- Ah, isso! Bem lembrado! Qual era o fruto daquela árvore do Paraíso, pois havia muitas outras.
- A maçã!